

LULA & DILMA: HUMOR E IRONIA EM CHARGES INTERTEXTUAIS

Suzete SILVA*
Esther Gomes de OLIVEIRA**

ABSTRACT: Political cartoons is one of the most eloquent critical texts of contemporary time and is founded as an ironical counter-discursive stratagem, the result of the logics of the contrary, in the tension between the literal and the figurative and in the very special relation between the enunciator and the object of sarcasm. The political cartoonist, in an ironical and, at the same time, humorous way, attempts to uncover values that are posed as unique and true, thus denouncing political and social problems. This present work aims at the analysis of this type of texts, created by Brazilian cartoonists, true artisans of the language, with a primary focus on the intertextual-discursive aspect that satirizes the support given by President Lula to the political campaign of Dilma Houssef, Federal Government Chief of Staff. We intend, through this study, to contribute for a more ample view over the meaning effects of reading political cartoons. We also wish to corroborate the deeper understanding of the socio-historical context for the effective interpretative reading process. Finally, we expect to ratify the vital importance of the reader's effective participation, as a co-producer of the text, in the articulation and ordering of the conveyed ideas, through considerations on the capacity to decipher the complex phenomenon of irony which, in its semantics uniqueness, has the power to defy, by what was not said, what was said.

Key words: Humor; Irony; Political Cartoons.

1. Introdução

“As palavras respondem às palavras (...) e se carrega em si mesma, se constrói acima da natureza em um reino sussurrante e febril.”
(Merleau-Ponty, 1974, p.19)

A charge constitui-se em um dos mais fecundos textos críticos da contemporaneidade, servindo como artifício “contradiscursivo” irônico, resultado da lógica dos contrários, na tensão entre o literal e o figurado e na específica semelhança entre o enunciador e seu objeto de crítica.

Neste trabalho, visamos ao estudo de alguns desses textos, criados por chargistas brasileiros, nos quais analisamos, com especificidade, o aspecto intertextual-discursivo que satiriza o apoio do presidente Lula à candidatura de Dilma Houssef, Ministra-Chefe da Casa Civil.

O tema de nosso estudo estrutura-se em seis breves partes. As quatro partes iniciais relacionam-se ao pressupostos teóricos, sendo que o primeiro traz a conceituação do texto chárstico; o segundo resgata a noção do *ethos* discursivo; o terceiro aborda a questão do humor, do riso e da ironia; o quarto refere-se ao fenômeno da intertextualidade. Depois, a seguir, examinamos as charges selecionadas e, finalmente, tecemos algumas considerações sobre o trabalho realizado.

* Doutora; Universidade Estadual de Londrina.

** Doutora; Universidade Estadual de Londrina.

2. A charge

O termo charge verifica-se como um empréstimo linguístico da língua francesa e significa *carga*, um ataque onde a realidade é rerepresentada com o auxílio de imagens e palavras. O texto chárstico articula harmoniosamente duas linguagens – a verbal e a não-verbal, demonstrando, no sentido construído, uma oscilação entre o já-dito e o não-dito.

Para Romualdo (2000, p.21), a charge deve ser vista como “um texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal”.

Em razão disso, o leitor da charge deve reconhecer qual questão ou acontecimento político está sendo ridicularizado para que ele possa captar o teor crítico situado na mensagem em destaque. Ao pensarmos a mídia como a esfera social que permite o aparecimento do texto chárstico, considerado objeto cultural de circulação social, devemos ter em mente que o charginista, ao registrar o seu ponto de vista, produz um texto humorístico e opinativo envolto em camadas provenientes de saberes históricos que, centrados em determinado momento da vida social e cultural, deixam o anonimato e ganham registro e visibilidade.

Um outro fator importante, diz respeito à relação, cada vez mais intensa, nos dias atuais, dos textos midiáticos e a política. A charge, enquanto texto midiático, expõe, em sua forma *sui generis*, a espetacularização da política, desvelando as máscaras presentes nas inúmeras jogadas dos personagens políticos em suas tentativas de inserção ou perpetuação nas esferas do poder, visando sempre à sustentação da ordem socioeconômica vigente.

Segundo Oliveira (2001, p.265)

como qualquer discurso fundado na linha do humor, os textos de charge ganham mais força expressiva quando a sociedade enfrenta momentos de crise, pois é a partir de fatos e acontecimentos reais que o artista tece sua crítica num texto aparentemente desprezível.

Portanto, a charge mostra um político que deve construir e interpretar uma imagem no teatro preconizado pelo cenário social. Essa imagem, denominada *ethos* discursivo, veremos a seguir.

3. O *ethos* discursivo

Os participantes do discurso criam uma imagem de si através dele, isto significa que o discurso carrega as marcas do enunciador e do coenunciador, compreendidos aqui como aqueles que atuam de forma interativa no discurso. As imagens do enunciador e do coenunciador agem no campo discursivo, de modo a se tornarem constituintes do processo enunciativo. A constituição dessa imagem de si no discurso convencionou-se chamar de *ethos*.

Esta é a percepção do *ethos* discursivo em Maingueneau (2008). O estudioso francês distancia-se da noção de *ethos* existente na retórica de Aristóteles e adota o viés discursivo, compreendido como um dos fatores relevantes na construção dos sentidos e no direcionamento da leitura. Assim, a *maneira de dizer*, remete à *maneira de ser* do enunciador. Isto quer dizer que a imagem do enunciador (ser do discurso) não necessariamente coincide com a imagem real que o indivíduo (ser no mundo) tem de si mesmo; não há um *ethos* preestabelecido, mas sim um *ethos* construído no âmbito da atividade discursiva.

Assim, a imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra através do seu discurso. Por isso, na elaboração do *ethos*, segundo a visão de Maingueneau, interagem fenômenos de ordens muito diversas. O *ethos* se configura, assim, “por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira suas informações do material lingüístico e do ambiente”. (2008, p.16).

Dessa forma, é na relação entre (inter)locutores que acontece a constituição de sentidos, uma vez que essa materialização de sentidos se processa em ambientes compartilhados pelo orador (enunciador) e seu auditório (enunciatário).

4. O humor, o riso e a ironia

Apesar da escassez de trabalhos específicos e relevantes sobre a linguagem do humor, existem alguns estudos que buscam as definições para o humor/riso. Neste trabalho, reunimos a problemática do humor, do riso e da ironia e a sua importância nos textos chárgicos. Assim, centramos nossas considerações com base em Hutcheon (2000). A autora, na obra *Teoria e política da ironia*, tenta compreender de que maneira e por que a ironia é usada e entendida como uma prática ou estratégia discursiva. A ironia “em uso” é preocupação primeira e, desse modo, a ensaísta passa pelos conceitos do humor e do riso, os quais mencionaremos a seguir.

Conforme a autora (2000, p.20), é preciso cuidar quando realizamos a junção ironia e humor. A ironia nem sempre é “engraçada”. Aliás, Hutcheon afirma que enquanto a prática da ironia parece ser “hábil e graciosa”, a análise da ironia é geralmente “complexa e trabalhosa”. (p.23).

A autora afirma também que “ironias humorísticas podem ser muito sérias” (p.49). Em se tratando da charge, aprofundamos essa ideia de Hutcheon, pois o chargista faz emergir, em suas mensagens, enunciados que não só satirizam, mas também criticam, denunciam e julgam.

Para Fairclough (2001), a maioria das pesquisas sobre o tema ironia a descrevem em termos de “dizer uma coisa e significar outra”, no entanto, o autor considera tal definição um pouco limitada, já que seu maior interesse está justamente na “natureza intelectual da ironia”, ou seja, “um enunciado irônico ‘eco’ o enunciado de um outro.” (p.158)

A ironia, ainda com base em Fairclough, necessita, por parte dos interlocutores, que eles possam interpretar ou “reconhecer que o significado de um texto ecoado não é o significado do produtor do texto”. (2001, p.159)

O discurso chárgico manifesta uma trajetória de opiniões fundamentadas em valores e aspectos sócio-culturais que representam uma visão de mundo, configurados por um enunciador, cujo papel é o de um observador e avaliador da sociedade, manifestando-se visual e linguisticamente em uma “pessoa” que fala por nós, articulando no discurso do escárnio, nossos estados de inquietude, discordância e insatisfação.

Efeito de uma reciprocidade entre os interlocutores, o humor irônico surge no *dizer-se* da linguagem. Para tanto, partimos do pressuposto de que o humor, enquanto efeito de sentido, é resultado do processo de construção de sentidos da própria linguagem. Esse processo faz emergir as mais variadas estratégias de interlocução, por meio das quais os sentidos são veiculados.

O humor estabelece uma região significativa no ambiente de linguagem. Dizemos que é nessa região que o discurso se realiza, instalando-se nos dizeres que agregam a pluralidade infinita dos dizeres que distinguem a linguagem humana.

5. A intertextualidade

Apresentamos, nesta parte, a questão da intertextualidade, primeiramente, sustentada pelas considerações de Neder (1990). Para o autor, dentre as concepções existentes sobre o aspecto intertextual da linguagem, devemos ressaltar a proximidade da intertextualidade com a noção de polifonia. Conforme os estudos de Koch, Bentes e Cavalcante (2007, p.79), o “conceito de polifonia é mais amplo que o da intertextualidade”, pois, no âmbito intertextual, é imprescindível que se tenha o intertexto, “cuja fonte é explicitamente mencionada ou não (intertextualidade explícita X intertextualidade implícita, respectivamente); a polifonia necessita apenas da “representação, da encenação” de opiniões de enunciadores diferentes, reais ou virtuais, “daí a metáfora do ‘coro de vozes’”.

Também para Neder (1990), nesta aproximação entre intertextualidade e polifonia, está o pressuposto de que existem diversas vozes num discurso (a polifonia), isto é, um texto sempre se constitui pelo imbricamento de muitos outros. Dessa forma, ao dizermos que há várias vozes em um discurso, ou que cada texto, invariavelmente, é um lugar de cruzamento de muitos outros, nele, não se exclui, de modo algum, o aspecto *ideológico*.

Em outras palavras, o diálogo é condição da linguagem e do discurso. Os textos são dialógicos porque resultam do embate de muitas vozes sociais. Os discursos *conversam* com outros discursos com os quais se inter-relacionam; cada discurso responde a ditos anteriores e ativa ditos futuros.

Desse modo, o texto está em constante mudança e recebe novos significados de acordo com o indivíduo que o lê, já que, para estabelecer as ditas relações, ele deverá adicionar seu próprio conhecimento de mundo. Podemos dizer, então, que textos são resultados de atividades lingüísticas, repletos de pistas que expressam conhecimentos acumulados tanto do autor como do leitor.

Verificamos, sob o ponto de vista de Neder que, na intertextualidade chárstica, o discurso ideológico é enfatizado, pois ele realça sobremaneira, no cruzamento humorístico irônico presente na apropriação do texto anterior, prolongado e ampliado no texto atual, a ideologia que funciona a serviço de posições políticas, legitimando ou invalidando interesses particulares. Há sempre, neste posicionamento ideológico, uma “transideologia” semântica (Hutcheon, 2000, p.27).

6. Análise do *corpus*

O nosso esforço, neste estudo, por compreender o funcionamento discursivo do texto chárstico, levou-nos à construção de um *corpus* com mais de 50 charges, publicadas no *site* www.chargeonline.com.br, que se destina a divulgar charges que circulam diariamente em jornais de todo o país.

A partir do material selecionado naquele período, no *site* em questão, observamos que o elemento humorístico/irônico presente, girava regularmente em torno do fato de o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, apoiar, ostensivamente, a candidatura de Dilma Houssef, Ministra-Chefe da Casa Civil, à presidência da República, na eleição de 2010.

Diante disso, selecionamos vários textos relacionados ao assunto e, dentro de um recorte mais específico, decidimos por analisar cinco charges intertextuais, elaboradas por ocasião da décima nona edição da Copa do Mundo Futebol de 2010, que ocorreu de 11 de junho a 11 de julho, na África do Sul.



Figura 1- Humberto - Jorn. do Commercio (PE) – 7-6-10.

No caso do enunciado da charge 1, o Presidente Lula aparece equilibrando, na cabeça, de forma serena e prazenteira, uma bola intitulada “JABUDILMA”. Sabemos que a bola oficial do evento, produzida pela Adidas, foi denominada Jabulani (“celebração”, na língua zulu). A nova bola, segundo os idealizadores, é mais rápida e é considerada como sendo mais dura no impacto. Como a Jabulani não tem espaço entre os gomos, ela é quase uma esfera perfeita e representa, em nossos dias, uma notável evolução do ponto de vista tecnológico, por ser mais aerodinâmica e mais rápida.

Nesta análise, o termo Jabudilma, é uma criação neológica

JABULANI → JABUDILMA

Portanto, faz-se necessário ressaltarmos que “a ironia não apenas acrescenta complexidade ou variedade ou riqueza a um discurso; ela faz muito mais.” (HUTCHEON, 2000, p.66) A ironia transmite uma atitude de avaliação ou sentimento; nesta produtividade linguística, a troca das sílabas LANI pela adição do “prefixo nominal” DILMA, o chargista pretende ensejar uma gama de efeitos de sentido afetivos.

Com a semântica atual do termo, entre outras possíveis interpretações, ele avalia, ironicamente, a intenção sempre clara do Presidente Lula em mostrar ao país que a candidata Dilma, apesar de ser vista como uma “novidade” aos eleitores, por sua pífia carreira política, mostra-se “firme” na corrida à presidência e, para ele, sua “perfeita” sucessora.

A lexicalização neológica, neste contexto específico, ao mesmo tempo em que realiza uma economia da linguagem, torna-se impactante (por ser altamente irreverente) e, assim, fixa novas representações e outros significados plurais.

“Não são as palavras que significam, mas o texto. Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, é porque sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade significativa. A palavra que significa é uma palavra textualizada.” (ORLANDI, 2006, p.22)



Figura 2 - Pater – A Tribuna (ES) – 15-6-10.

A *vuvuzela* (conhecida no Brasil como *corneta* ou *cornetão* e em partes de Moçambique como *xipalapala*) foi amplamente usada pelos torcedores nos jogos de futebol na Copa 2010. Elas ganharam forte exposição na mídia devido à função sonora que exerciam nas comemorações dos gols durante as partidas. A origem do nome é controversa, uma das hipóteses é que se origina do do zulu "fazer barulho", (*vuvu*), já que requerem um sopro forte, de modo a emitir um ruído semelhante ao de uma sirene.

A *vuvuzela* tem sido alvo de controvérsia devido à possibilidade de o instrumento causar danos auditivos e pela possibilidade de espalhar doenças causadas por bactérias, vírus ou fungos. Para as pessoas fora do estádio, o som torna-se desgastante mentalmente, podendo atingir um ambiente quase hipnótico induzindo cansaço e/ou irritação.

Na concepção de Netrovski (1996, p.10), o vocábulo ironia vem do grego *eironeia* e quer dizer “dissimulação”. Na comédia grega, o *iron* era o pobre coitado que acabava triunfando sobre o valentão. Por esse motivo, concordamos com o posicionamento de Hutcheon (2000, p.30) que alega acreditar que “a ironia ‘acontece’ – e que esse é o verbo que melhor descreve o processo.”

Como forma de promover o apoio à candidatura de sua pupila, Lula toca os mais diversos projetos, ao mesmo tempo em que põe sob os holofotes, uma sorridente e confiante “escudeira”. Nesta charge, a ironia apresenta-se no modo como o chargista alia o aspecto visual ao verbal. Expõe, de forma intertextual, a caricatura do Presidente travestido de um típico torcedor fanático, tocando, de maneira entusiasmada, uma corneta. O som produzido pelo barulho ensurdecedor é o nome

DILMA!! DILMA!! DILMA!!DILMA!!DILMA!!

em uma clara intenção de ironizar todo o notório “barulho” feito pelo Presidente em torno de sua pretensa herdeira política. Em seu *ethos* confiante e sempre otimista, Lula não acredita que o zunido contínuo de sua *vuvuzela* poderá causar danos à candidatura de Dilma.

Pelo contrário, de modo tranquilo, confia que derrotará os destemidos que desejam minar a entrada de Dilma na presidência. Assim, para os eleitores, o zunido de sua “*vuvuzela*” deve tornar-se desgastante mentalmente, até produzir o “ambiente hipnótico” induzido mesmo que por “cansaço e/ou irritação”.

A repetição (reduplicação ou redobro, *geminatio* ou *repetitio* dos antigos retóricos) é vista como um fantástico processo expressivo, um dos mais eficazes na intensificação da linguagem. Teles (1970, p.36) escreveu:

Descobre-se em quase todas as línguas uma antiga tendência à repetição de elementos fônicos, morfológicos e sintáticos. Foi, talvez, o recurso mais simples e natural de que se valeu o homem primitivo para imprimir maior vigor à sua fala (...). É que, reiterando a palavra ou parte dela, descobria-se a possibilidade de forçar conscientemente a língua e ajustá-la às necessidades da comunicação.

Ainda seguindo a exposição de Teles, vemos que ele aponta ser Aristóteles, provavelmente, o primeiro a tratar da repetição, vendo-a, porém, apenas como recurso de oratória. (p.42) As preocupações de Aristóteles foram retomadas e desenvolvidas por Cícero. O filósofo, em *De Oratore*, destaca a repetição como “uma arma que é útil pela sua ameaça, por seus golpes e agrada de maneira particular pela qual é manejada”. (p.43)

O objetivo da repetição é o de ativar a imaginação (TELES, 1970, p.48). É óbvio que Lula tem noção do poder dessa tática, por falar (*vuvuzelar*) sobre Dilma à exaustão, poderá tirar a concentração dos eleitores para outros candidatos e resultar neste possível efeito de sentido aos cidadãos, ou seja, que ela é a melhor candidata.



Figura 3 - Heringer – A Charge Online – 23-6-10.

O chargista Heringer é sabedor do costume dos torcedores que escrevem faixas de “Filma nós, Galvão”, destinadas a Galvão Bueno, locutor esportivo da Rede Globo de televisão. Nos intervalos dos jogos, a emissora sempre atende aos pedidos dos fãs, que ganham seus segundos de fama em rede nacional.

Utilizando a tecnologia dos novos computadores, Heringer aproveita uma foto de torcedores nos estádios para criar seu texto e adiciona à foto a imagem do Presidente, sorridente e à vontade, próximo a uma faixa com o enunciado

Dilma eu, Galvão

Novamente temos como recurso irônico a estratégia argumentativa do chargista em projetar no Presidente, um enunciador que, em seu *ethos*, constrói uma imagem tão positiva

de si, a ponto de não se intimidar em usar um artifício tão popular como o de solicitar ser filmado, apoiando tão abertamente a Ministra Dilma Houssef.

Uma outra possível análise está na dimensão afetiva e cúmplice do Presidente por sua candidata que o chargista traz à tona. O sorriso benévolo, adequado para influenciar pessoas, neste caso, fortalece a dimensão emocional posta em destaque, ou seja, há um envolvimento extremo de Lula nesta campanha. Em todas as charges estudadas, os ironistas insistem neste tema – a resposta sempre afetiva e simpática do Presidente em qualquer instância na qual deve mostrar seu compromisso político com a Ministra.

Um fonema constitui-se na menor unidade sonora/ fonética de uma língua e se estabelece no contraste de significado para diferenciar outras palavras. Por exemplo, a diferença entre as palavras *mato* e *rato*, quando pronunciadas, está apenas no primeiro fonema: /m/ na primeira e /r/ na segunda. A troca do fonema /f/ da palavra *Filma* para o fonema /d/, forma o substantivo próprio *Dilma* e nos revela que este intertexto não ocasiona somente um uso comum do já dito, e mina o sentido já declarado, aniquila a segurança semântica de um significante anterior e expõe uma nova natureza de significação bem mais complexa de intenção e interpretação.



Figura 4 - Junião – Diário do Povo (SP) – 24/6/10.

A bola normal tem vários gomos e um pequeno espaço entre um gomo e outro por onde o ar passa; a nova bola da FIFA, a Jabulani, possui uma textura com sulcos mínimos e como tem mais resistência ao ar, a Jabulani perde velocidade mais rapidamente e troca de direção de modo diferente de uma bola normal.

Muitos jogadores e técnicos reclamaram, dizendo que a bola da Copa seria “meio esquisita”. Se, no idioma zulu, a palavra Jabulani significa “celebração”, nesta Copa, ela esteve ligada, também, a alguma “confusão”. Por sua característica de ser rápida e imprevisível, já que ela faz mais curvas do que qualquer outra bola, os jogadores tiveram que descobrir novas oportunidades para lançá-la. No começo da competição, ela desencadeou um acirrado debate entre eles, pois muitos odiaram a bola, outros, preferencialmente os patrocinados pela Adidas, diziam que ela que era boa.

Enfim, a discussão repercutiu nos meios de comunicação e rendeu, também, muito riso e troça. A partir dessas informações, nesta charge, Junião aproveita para, intertextualmente, remeter a situação ao Presidente e Dilma. Ao contrário dos jogadores que sentiam

dificuldades em lidar com a bola, Lula demonstra habilidade e confiança com a sua “bola da vez”. Junião cria uma interrogação retórica

Quem disse que essa bola é difícil de controlar?

Segundo Nascimento, Oliveira e Baraldo (2007, p.3), “a pergunta retórica não inclui, na sua definição, a obrigatoriedade de resposta”, e ocorrem em contextos nos quais os destinatários não têm voz ativa. Considerando o humor como elemento de crítica e do intuito em denunciar posicionamentos ideológicos e políticos marcados, a pergunta autoriza-nos, na leitura de seus subentendidos, a inferir o desejo do chargista em apontar o presidente como o mentor intelectual da ministra. A semanticidade contida na pergunta retórica atribui, ironicamente, controle total que Lula tem sobre Dilma, que pode ser “jogada” para lá e cá.

É importante, ainda, dizer que, nas entrelinhas, outra construção de significado faz-se aceitável. O próprio chargista leva-nos para este direcionamento interpretativo pelo título da charge

Dilma na frente

A parte visual da charge traz Dilma alçando um potente voo sobre um assustado José Serra. O chargista, aparentemente, pretende zombar com a imagem do vigoroso chute de Lula, a facilidade com que ele realiza as manobras com a “bola” Dilma, sempre no intuito de torná-la conhecida na mídia. Também candidato à presidência, o economista e político José Serra alarma-se com as tentativas bem sucedidas do Presidente, já que, neste chute, a ministra aparece acima dele, ou seja, ganhando dele no quesito exposição e exploração de imagem.

Portanto, no estudo dessa charge, observamos que “os significados irônicos, assim como sinais, só existem *in absentia*, que eles perdem sua essência a menos que permanecem apenas implícitos.” (HUTCHEON, 2000, p.218), isto é, a leitura do não-dito tornou-se admissível simplesmente porque os significados não presentes na imagem, mesmo *in absentia* eram familiares no contexto em ação e foram trazidos para a cena discursiva do texto.

O grau de efeito irônico, portanto, está inversamente proporcional ao número de indicadores circunscritos no verbo-visual chárigo. Há muitos outros elementos além do que lemos e vemos que são cognitivamente acessados para que os marcadores irônicos subentendidos tenham a capacidade de fazer sentido.

Assim, finalizando estas breves análises, lembramos da importância cada vez mais crescente que os estudos linguísticos dão ao contexto. Todas as respostas interpretativas apresentadas passaram, invariavelmente, pelo enquadramento contextual. Galembeck (2003), ao discorrer sobre a evolução da noção de contexto, salientou, inicialmente, no momento da análise transfrástica textual, o contexto era apenas o co-texto (segmentos textuais precedentes e subsequentes, a um dado enunciado). Hoje,

o processamento do texto depende não só das características internas do texto, como do conhecimento dos usuários, pois é esse conhecimento que define as estratégias a serem utilizadas na produção/recepção do texto. Todo e qualquer processo de produção de textos caracteriza-se como um processo ativo e contínuo do sentido, e liga-se a toda uma rede de unidades e elementos suplementares, ativados necessariamente em relação a um dado contexto sócio-cultural. Dessa forma, pode-se admitir que a construção do sentido só ocorre num dado contexto.

No capítulo “Intenção e interpretação: a ironia e o olho de quem vê”, Hutcheon (2000, p. 171/172) comenta sobre “o insuportável deslizamento da ironia”; para ela é “na *agência*

humana que a ironia se reafirma de maneira complexa e em estágios diferentes: na intenção, execução, interpretação, resposta afetiva e consequência da ironia.” (grifo nosso)

Aí está, de fato, o poder do recurso da ironia. Nas charges estudadas, o humor foi estabelecido basicamente porque houve a compreensão da ironia, colocada em perspectiva pelo viés fundamentado pelos autores das charges. Examinadas, elas nos mostram como hábeis ironistas posicionam-se em situações de dimensão ética seriíssima. Charges não servem, então, para mostrar, exclusivamente, o potencial de alguns para o humor barato.

Pelo contrário, em uma charge bem elaborada não há humor gratuito. Existe a fusão do

humor e riso X ética e moral

Essas funções que atribuímos à legítima finalidade dos muitos e bons chargistas e cartunistas que, diariamente, brindam-nos com a mais fina ironia traduzida em humor, em inúmeras ocasiões, triste, devido às questões éticas implicadas sob os enunciados e imagens que são colocadas no papel ou *online*.

Isso retira de pauta, definitivamente, qualquer dúvida que ainda possa existir sobre o texto chárstico servir como um grande avaliador particular de alcance nacional. As charges são elaboradas por pessoas com grande agilidade mental, no debate intencional que promovem, pela relação dito/não-dito, inscrevem a charge em uma linha de estrutura que delineamos da seguinte forma:

fato + contexto → intenção → reconhecimento da intenção → compreensão do fato pelo contexto

O texto chárstico chama a atenção para assuntos sérios, reinterpreta os fatos e os contextos históricos, traz o registro do vivenciado, do flagrado, dos entraves e limites pertinentes ao modelo social vigente. Que seja, assim, sempre bem-vindo!

7. Conclusão

No percurso deste trabalho, esperamos ter contribuído para uma visão mais ampla dos efeitos de sentido da leitura chárstica; desejamos, também, ter colaborado para um maior entendimento do contexto sócio-histórico para o efetivo processamento interpretativo dessa leitura.

Acreditamos que o resgate da materialidade linguística do texto chárstico em relação à sua exterioridade constitutiva propicia o desvelamento das relações sociais ali representadas, fazendo com que os efeitos de sentido emanados evidenciem como as relações sociais perpetuam diversas situações como a luta pelo poder, os jogos de interesse, o que descaracteriza a ilusão de neutralidade deste gênero textual.

Nessa perspectiva, é preciso ainda levar em conta o compromisso da escola com a formação da cidadania; entendemos que as charges, por seu caráter crítico-opinativo, podem contribuir, de forma decisiva, para a formação de leitores críticos. Em sala de aula, além da análise dos recursos linguísticos, o professor e os alunos podem explorar a prática de leitura de texto como prática de leitura de mundo.

O estabelecimento de pontes entre o texto chárstico e a realidade constituem, a nosso ver, um atraente convite para que haja um interesse maior por parte dos alunos e, portanto, maior sucesso tanto na aprendizagem de conteúdos, quanto na interação entre as disciplinas curriculares e a socialização de novos conhecimentos.

Referências

- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coordenadora da tradução, revisão técnica e prefácio Isabel Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.
- GALEMBECK, P. de T. A lingüística textual e seus mais recentes avanços. *Cadernos do CNFL*, Vol. IX, nº 05, Rio de Janeiro, 2005.
- HUTCHEON, L. *Teoria e política da ironia*. Tradução: Julio Jeha. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2000.
- KIERKEGAARD, S. *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Tradução: Álvaro Luiz Montenegro Valls. Rio de Janeiro: Petrópolis, Vozes, 1991.
- KOCH, I.V.; BENTES, A.C.; CAVALCANTE, M.M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.
- KOCH, I.V. A intertextualidade como fator de textualidade. *Cadernos PUC*, 22 (39-46), SP. – EDUC, 1986.
- MAINGUENEAU, D. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.) *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. (p. 11-29)
- NASCIMENTO, S.S.; OLIVEIRA, E.G. de; BARALDO, C.C. O uso da interrogação retórica em textos publicitários. *Anais do V Encontro Científico do Curso de Letras da FACCAR*. Rolândia, PR, 2007. (p.01-08)
- NEDER, M.A.V. A intertextualidade em situação de produção escrita na escola. *Letras, PUCAMP*, Campinas 9 (1/2): 88-97, dez.,1990.
- NESTROVSKI, A.R. *Ironias da modernidade*. São Paulo: Ática, 1996.
- OLIVEIRA, M.L.S. de. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J.C. de.(Org.). *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- ORLANDI, E. P. Análise do discurso. In: ORLANDI, E.P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.) *Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- PONTY-MERLEAU, M. *O homem e a comunicação: a prosa do mundo*. Tradução: Celina Luz. Rio de Janeiro: Bloch Editores S. A., 1974.
- ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá, EDUEM, 2000.
- TELES, G. M. *Drummond: a estilística da repetição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1970.